



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Daniel Kayan Sirtori Felix Lopes da Silva

**O DESAFIO DAS IGREJAS SE FAZEREM INCLUSIVAS EM FACE DA GRANDE  
APOSTASIA JUVENIL**

SÃO CARLOS

2022

Daniel Kayan Sirtori Felix Lopes da Silva

**O DESAFIO DAS IGREJAS SE FAZEREM INCLUSIVAS EM FACE DA GRANDE  
APOSTASIA JUVENIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Prof. Dr. André Ricardo de Souza.

SÃO CARLOS

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus avós por acreditarem em mim desde minha infância, por acreditarem que eu conseguiria conquistar todos os meus sonhos e atingir todas as minhas metas. Sem eles, eu não estaria aqui hoje. Também a minha mãe, que foi mãe solo e me criou em um momento difícil de sua vida, mas nunca desistiu de me impulsionar em todas as frentes da vida.

Agradeço a todos os educadores que passaram pela minha vida e que me condicionaram para conseguir chegar até aqui. Graças a eles, ingressei em uma das melhores universidades federais do Brasil, em um curso referência para a área da Ciências Sociais, assim como tive oportunidades incríveis que apenas a UFSCar pode me oferecer. Cresci muito como pessoa nessa universidade. Agradeço em especial, ao meu orientador André Ricardo de Souza, meu eterno carinho e gratidão!

Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos que sempre me incentivaram e me deram força durante essa jornada de momentos bons e ruins que é a graduação. Não teria chegado até aqui sem a ajuda de vocês, ao meu namorado, Guilherme que me auxiliou com toda a gestão de matérias e durante meus momentos mais difíceis e a Mariana que esteve presente em todo o processo.

"Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas".

(O Pequeno Príncipe)

## **O desafio das igrejas se fazerem inclusivas em face da grande apostasia juvenil**

### **RESUMO**

O presente estudo tem por finalidade expor e analisar os fatos que deixam as novas gerações em conflito, trazendo a inclusão nas igrejas, para que não se deem bem e acabem por abandonar suas crenças. Para tanto, foram utilizadas citações e opiniões de diversos autores sobre o assunto, bem como o ponto de vista do autor mediante sua experiência e vivência na área. O objetivo principal do trabalho foi analisar os motivos de apostasia entre jovens na igreja, examinando o porquê estas se tornaram mais inclusivas e suas novas nuances. Os objetivos secundários englobaram a conceituação e delimitação das novas gerações de crentes e não crentes, estuda o atrito entre elas e compreendendo os métodos das igrejas para alcançá-las. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, mediante o uso de livros, artigos e sites da internet.

**Palavras chave:** Gerações; Igreja; Inclusão; Religião.

## **The challenge for churches to be inclusive in the face of the great youth apostasy**

### **ABSTRACT**

The purpose of this study is to expose and analyze the facts that leave the new generations in conflict, bringing inclusion into the churches, so that they don't get along and end up abandoning their beliefs. To this end, quotes and opinions from various authors on the subject were used, as well as the author's point of view through his experience in the field. The main objective of the work was to analyze the reasons for apostasy among young people in the church, examining why they have become more inclusive and their new nuances. The secondary objectives included conceptualizing and delimiting the new generations of believers and non-believers, studying the friction between them and understanding the churches' methods of reaching them. The methodology used was a bibliographical review, using books, articles and websites.

**Key words:** Generations; Church; Inclusion; Religion.

## **ABSTRACT**

The present study aims to expose and analyze the facts that leave the new generations in conflict, bringing inclusion in churches, so that they do not get along and end up abandoning their beliefs. For that, quotations and opinions of several authors on the subject were used, as well as the author's point of view through his experience and experience in the area. The main objective of the work was to analyze the reasons for apostasy among young people in the church, examining why they have become more inclusive and their new nuances. Secondary objectives encompassed conceptualizing and delineating new generations of believers and non-believers, studying the friction between them, and understanding the churches' methods of reaching them. The methodology used was the bibliographic review, through the use of books, articles and internet sites.

**Keywords:** Generations; Church; Inclusion; Religion.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 O CONCEITO DAS NOVAS GERAÇÕES.....	11
2.1 O ATRITO ENTRE AS NOVAS GERAÇÕES.....	12
3 OS DIREITOS FUNDAMENTAIS DO SER HUMANO E A RELIGIÃO .....	15
3.1 A EFICÁCIA DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS.....	12
3.2 DO DIREITO À VIDA.....	17
3.3 DO DIREITO À RELIGIÃO .....	19
4. A MODERNIDADE E A RELIGIÃO .....	20
4.1 MÉTODOS PARA ALCANÇAR A INCLUSÃO .....	22
4.2 A EDUCAÇÃO CRISTÃ.....	22
4.3 A APOSTASIA.....	23

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
7 REFERÊNCIAS .....	30

## 1. INTRODUÇÃO

Olhando para o texto de 1 Pedro 2:9<sup>1</sup>, nota-se que somos a "geração eleita", um povo supostamente "escolhido por Deus para proclamar o seu amor". Mas, quando olhamos para nossa geração atual, percebemos uma coexistência de, no mínimo, quatro gerações. De fato, surge uma dúvida se as novas gerações serão eficazes na propagação do Evangelho ou mesmo se participarão de comunidades religiosas.

Esse questionamento surge devido à grande apostasia que segue crescendo nas igrejas, sendo a maior parte relativa a jovens. Isto ocorre dada a grande quantidade de jovens que se declara sem religião. Nos levantamentos do Datafolha, feitos entre janeiro e junho de 2022, o instituto mostrou um índice bem maior do grupo dos sem religião, se comparado ao censo de 2010, nada menos que 14%. Chamou bastante atenção a proporção de jovens em tal segmento: 25%<sup>2</sup>.

De acordo com a classificação Americana as quatro gerações que coexistem hoje são: Baby Boomers (1945-1964), Geração X (1965-1984), Geração Y (1985-1999) e Geração Z (2000-atual). Inovação e mudança são as palavras que resumem as chamadas Novas Gerações, que de fato, a todo instante, estão à procura de algo novo. Buscam algo que fuja do comum, e que, de alguma maneira, as gerações mais velhas faziam. Buscam por mudanças, algo que tenha sido feito da maneira e com a cara deles, algo que, de algum modo, acaba causando certo choque entre gerações, algumas vezes.

Na igreja o conflito acaba se tornando ainda maior, pois as gerações mais antigas são a maioria dos líderes e são quem mantêm as instituições religiosas. As novas gerações, portanto, acabam se afastando das igrejas e, conseqüentemente, a apostasia cresce. Concílio da Divisão da Igreja Adventista do Sétimo dia, o Presidente Ted Wilson afirmou:

um relacionamento forte defende que a permanência na igreja depende de pelo menos três fatores: um relacionamento forte com Cristo, que pode ser alcançado através do estudo da Bíblia, uma vida intensa de oração e a prática do testemunho pessoal. Ele também acredita que o envolvimento das novas gerações com o serviço ao próximo é uma das formas de evitar a apostasia. Afinal, como ele lembra, o engajamento em causas sociais é uma característica marcante desse público. "Uma das maneiras de manter os jovens conectados com a igreja é envolvê-los em ações que visam a servir ao próximo.

<sup>1</sup> "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;" (1 Pedro 2:9).

<sup>2</sup> <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/09/jovens-sem-religiao-superam-catolicos-e-evangelicos-em-sp-e-rio.ghtml>. Acesso em 25/05/2022



O objetivo principal deste trabalho foi analisar os motivos da apostasia entre jovens na Igreja Adventista, examinando o porquê estão saindo. Os objetivos secundários englobaram a conceituação e a delimitação das novas gerações, estudando o atrito entre elas e gerações mais velhas.

O motivo para realização do trabalho e sua importância na sociedade englobam o entendimento do fato do número entre os jovens em apostasia crescer cada dia mais. De acordo com Barry Gane, em seu livro "O caminho de Volta (2021)", os jovens estão em busca do que é essencial, pois os cultos, para eles estão sem sentido e, os líderes religiosos seriam hipócritas rejeitando a importância das novas gerações na igreja. Trata-se de um fenômeno que demanda compreensão sociológica.

O método desta pesquisa foi o modelo baseado em consulta bibliográfica. Para alcançar o objetivo proposto, a maioria dos recursos foram encontrados na Biblioteca do Instituto Adventista Paranaense, onde os livros que abordaram as novas gerações, apostasia nas igrejas e escolas foram devidamente consultados.

Outros meios de pesquisa envolveram a consulta sistemática a alguns artigos de revistas, assim como documentos relacionados ao tema. A pesquisa foi fundamentada na Bíblia, na obra da líder da Igreja Adventista Ellen White e de acordo com os conceitos dessa denominação.

## 2. O CONCEITO DAS NOVAS GERAÇÕES

De acordo com Kinnaman (2014, p.218) as novas gerações são definidas da seguinte forma:

Mosaicos: Nascidos entre 1984 e 2002; geralmente chamados de geração Y.

Busters: Aqueles nascidos de 1965 a 1983, frequentemente chamada Geração X.

Boomers: Aqueles nascidos de 1946 a 1964, a geração "Baby Boomers" que se seguiu à Segunda Guerra Mundial.

Anciãos: Aqueles nascidos antes de 1946, às vezes chamados de "construtores" ou "Pré-Boomers".

Gene (2013), traz o pensamento inicial sobre as gerações mais antigas:

Somos constantemente lembrados de que a geração que sobreviveu à Segunda Guerra Mundial não só construiu um mundo diferente, mas também construiu a igreja. Dizem - nos que eles "tinham razão", que se funcionou naquela época, deveria funcionar agora e que, se não está funcionando, nós simplesmente não estamos fazendo direito. Começando por volta de 30 anos atrás, esses pais da revolução (Pré - Boomers) em grande parte controlavam a igreja em todos os níveis, servindo em todas as posições desde ancião da igreja local até presidente da associação.

Não é novidade que a Igreja Adventista vem investindo nas novas gerações que herdarão o chamado o propósito da palavra de Deus. Em 2017, ocorreu o Concílio Administrativo e um dos pontos principais envolveu o assunto da continuidade da vida de lideranças nas igrejas, conforme discorreu o pastor Helder Roger:

É natural o processo da continuação da vida da liderança, do ministério, da missão. Ninguém é eterno. Por isso, é preciso que haja uma continuidade. E se não tivermos as novas gerações comprometidas com Deus, com a missão, então podemos pensar na extinção da Igreja.

Desta forma fica evidente a necessidade de o foco estar nas crianças e adolescentes que herdarão as igrejas. Os jovens necessitam de mais oportunidades para assumir cargos que as congregações consideram de liderança. Para tanto, há um recado de Ian, um garoto de 13 anos que sonha em ser pastor: "nunca enterre seu talento. Se Deus te deu um, você precisa usá-lo. Mesmo que você não saiba qual é o seu, tente usá-lo e você descobrirá qual é. Ore e peça a Deus para lhe mostrar. Ninguém neste mundo é desprovido de talento."

E este é um dos grandes desafios do século XXI para as igrejas, trazer e engajar os jovens nas suas respectivas comunidades religiosas. Existem encontros

acontecendo ao longo do país para que os jovens possam entender e se apresentar de forma a conversarem com os mais velhos e demonstrarem suas esperanças e anseios sobre o futuro.

A Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista demonstra, já a algum tempo, sua preocupação em perder muitos dos membros com idades mais jovens.

Gene (2013), ainda afirma:

Os filhos dessa geração pós-guerra (baby boomers) agora preenchem cargos de liderança na igreja e, como parte dessa geração individualista, estão assegurando que suas necessidades sejam finalmente preenchidas. Os pastores ministram para a satisfação pessoal dos membros. As congregações, focalizando os indivíduos, são altamente relacionais. Elas aplaudem a inovação e buscam maior envolvimento no funcionamento da igreja. Os sermões que apreciam são mais informais e em estilo de conversa. Eles são muito mais visuais com um maior nível de participação da audiência. Nesse estilo, os convidados preferem permanecer no anonimato.

Sobre a geração X, ele também discorre:

A Geração X (baby busters), agora no fim da casa dos vinte anos, é a menor das gerações e, provavelmente, a mais incompreendida. Temos que eles deixam a igreja em bandos, sua reclamação de religião institucional é totalmente irrelevante chega aos nossos ouvidos quando saem pela porta de trás. Como um produto de seu tempo, eles são movidos a casa. Sua lealdade a essas questões é quase religiosa, e eles têm poderosamente levantado a preocupação com o aquecimento global e a poluição. Anseiam por espontaneidade e variedade na adoração, enquanto, ao mesmo tempo, desejam pertencer a uma comunidade.

E a geração Y também possui sua definição:

A atual geração de jovens tem sido chamada de Geração Y, mosaicos, e muito mais frequentemente de geração do milênio. Eles, como muitas gerações de jovens anteriores, são muito influenciados por seus pares e há um forte impulso em direção a relações mais profundas. Eles estão mais perto de seus pais do que a Geração X. Apesar de serem bem conservadores, eles também exigem mudanças na maioria das áreas da vida. Eles querem horários de trabalho flexíveis e não se incomodam com a ideia de ter um número diferente de empregos ao longo da vida. Na igreja, a música os afeta profundamente. Buscam uma ampla variedade de opções.

## **2.1. O ATRITO ENTRE AS NOVAS GERAÇÕES**

Conforme mencionado no capítulo anterior, as gerações *baby boomer*, X e Y fazem ligação direta com a separação da sociedade mediante a idade cronológica, contudo não é possível considerar apenas a idade das gerações para realizar tal distinção; outros fatores devem ser levados em consideração:

- Cultura;
- Família;
- Localização Geográfica;
- Situação Econômica;
- Educação.

Neste âmbito, Oliveira (2012) destaca:

É mais comum classificar as gerações levando em consideração acontecimentos sociais e culturais que marcam determinada época, bem como aspectos comportamentais identificados com maior facilidade.

Estes jovens dividem-se em dois grupos: os rebeldes e os disciplinados.

Santos (2011) menciona o assunto:

Enquanto o grupo dos disciplinados era formado por jovens que acatavam as condições impostas pelos pais e buscavam seguir uma conduta de comportamento que seguia as regras, o grupo dos rebeldes, geralmente filhos de pais ricos e militares, entrava em atrito e buscava transgredir todas as regras da sociedade

Abaixo, um comparativo (Lipkin e Perrymore, 2010, p. 127) que traz maior entendimento sobre as gerações mencionadas e sua postura profissional:

Geração *Baby Boomer* e Geração X

- O trabalho em primeiro lugar;
- Horário de trabalho e horário de lazer são coisas diferentes;
- Seguir as regras acima de tudo;
- O chefe merece respeito;
- Tempo de serviço = Promoção;
- Expediente com horário de entrada e saída estabelecidos e horas extras;
- Horas trabalhadas;
- Preferência por contato pessoal;
- Veste a camisa da empresa.

## Geração Y

- A vida em primeiro lugar.
- Integração da vida pessoal e profissional.
- Seguir regras que funcionam e estabelecer regras próprias.
- O respeito é dado a quem merece.
- Talento = Promoção
- Horário de trabalho indefinido.
- Trabalho por tarefa.
- Contato virtual.
- Veste a camiseta quando necessário.
- Espera que a empresa mude de acordo com suas necessidades.

Realizando a análise destes dados, é possível perceber como a geração Y, tem, em grande medida, o imediatismo, o egoísmo e outros adjetivos ruins como norteadores de suas vidas. Quase não há empatia entre esta geração e as demais, enquanto as gerações *Baby Boomer* e *X* são mais centradas e focadas no resultado desejado. Doando-se a seus trabalhos sem medir esforços.

Não há unanimidade em nenhum aspecto da vida destas gerações, seus conflitos vão desde a família até seus empregos e modos de pensamento. Seu encontro em um mesmo ambiente costuma gerar grandes conflitos e até mesmo trazer efeitos negativos para suas organizações ou rodas sociais.

Após esta comparação fica nítida a justificativa do comentário abaixo de Gene (2013):

É fácil ver por que há dificuldades na comunicação entre as diferentes gerações da igreja. Cada uma é um produto de seu tempo e se relaciona apaixonadamente com questões, muitas vezes no extremo oposto do espectro. Enquanto, às necessidades de uma geração estão sendo atendidas na adoração, outra pode entender os meios de sua realização como irrelevantes ou mesmo um sacrilégio.

### **3. OS DIREITOS FUNDAMENTAIS DO SER HUMANO E A RELIGIÃO**

Os direitos fundamentais nasceram com a ideia de limitar o poder centralizado e garantir soberania, sendo constituídos direitos individuais, sociais e políticos. A história e a evolução constitucional destes direitos se associa diretamente ao avanço dos direitos e garantias fundamentais, ou seja, as garantias constitucionais foram conquistadas ao decorrer do tempo. (DOTTI, 2001).

Os direitos fundamentais estão presentes na Constituição Federal, o que, lembrando da pirâmide de Kelsen, é o ponto mais alto do ordenamento jurídico, servindo de base para os demais direitos.

Os direitos fundamentais estão representados na Constituição Federal e abrangem os direitos individuais, coletivos, sociais e políticos, o que de certa forma tem o intuito de preservar e buscar a equidade entre seus participantes. Nesse sentido, de acordo com Silva (2005, p.89):

No qualificativo fundamentais acha-se a indicação de que se trata de situações jurídicas sem as quais a pessoa humana não se realiza, não convive e, as vezes, nem mesmo sobrevive; fundamentais do homem no sentido de que a todos, por igual, devem ser, não apenas formalmente reconhecidos, mas concreta e materialmente efetivados. Do homem, não como o macho da espécie, mas no sentido de pessoa humana. Direitos fundamentais do homem significa direitos fundamentais da pessoa humana ou direitos fundamentais. É com esse conteúdo que a expressão direitos fundamentais encabeça o Título II da Constituição, que se completa, como direitos fundamentais da pessoa humana, expressamente, no art. 17.

Cabe ressaltar que não se admite a tese de separação entre o titular e o exercício de seu direito fundamental, porém, já a fruição de tal direito não dependerá de aptidão intelectual, tendo como foco proporcionar mais segurança às relações sociais e jurídicas, evitando violações desses preceitos fundamentais.

#### **3.1. A EFICÁCIA DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS**

Os direitos fundamentais são aplicáveis frente às relações de direito público, tendo aplicação imediata nas esferas legislativas, administrativas e judiciárias, e são intituladas de normas plenas, pois incidem diretamente sobre os interesses que os constituintes quiseram dar à expressão normativa, porém, também se aplicando na

relação do âmbito privado, o que se entende como eficácia horizontal (MORAES, 2018, p. 177).

Nessa eficácia horizontal que, tem como intuito a preservação da autonomia da vontade, a harmonia entre os poderes e a identidade do Direito Privado, será afastada a aplicação privada dos direitos fundamentais, ainda que haja mediação dos órgãos legislativos (MORAES, 2018, p. 178).

De acordo com Pedro Lenza (2010, p. 746):

Os direitos fundamentais são aplicados de maneira reflexa, tanto em uma dimensão proibitiva e voltada para o legislador, que não poderá editar lei que viole direitos fundamentais, como, ainda, positiva, voltada para que o legislador implemente os direitos fundamentais, ponderando quais devam aplicar -se às relações privada.

Portanto, o direito privado deve-se manter dentro dos preceitos dos direitos fundamentais, como mencionado anteriormente, tendo ele como base para orientar. Por outro lado, a eficácia direta ou imediata, é possível que alguns direitos fundamentais sejam aplicados dentro das relações privadas sem qualquer necessidade de “intermediação legislativa” para a sua concretização (LENZA, 2010).

Como um exemplo a ser citado, o direito à livre associação é aplicado diretamente nas relações privadas, principalmente em sindicatos, uma vez que ninguém poderá ser compelido ou obrigado a se associar às instituições privadas. Outro direito é o da dignidade da pessoa humana, que pode ser aplicado diretamente nas relações trabalhistas, impedindo que o empregador pratique abusos contra o seu empregado.

Ponto importante a esclarecer quanto aos direitos fundamentais é o fato de conferir às diversas doutrinas, inalienabilidade ou indisponibilidade, historicidade, relatividade, universalidade e constitucionalização.

Entretanto, essa inalienabilidade não é conferida a todos os direitos fundamentais, como sustenta Paulo Gustavo G. Branco (2015, p. 146):

Uma vez que a indisponibilidade se funda na dignidade humana e está se vincula à potencialidade do homem de se autodeterminar e de ser livre, nem todos os direitos fundamentais possuiriam tal característica. Apenas os que visam resguardar diretamente a potencialidade do homem de se autodeterminar deveriam ser considerados indisponíveis. Indisponíveis, portanto, seriam os direitos que visam resguardar a vida biológica — sem a qual não há substrato físico para o conceito de dignidade—ou que intentem preservar as condições normais de saúde física e mental bem como a liberdade de tomar decisões sem coerção externa. Nessa perspectiva, seria inalienável o direito à vida — característica que tornaria inadmissíveis atos

de disponibilidade patrimonial do indivíduo que o reduzissem à miséria absoluta. Também o seriam os direitos à saúde, à integridade física e às liberdades pessoais (liberdade ideológica e religiosa, liberdade de expressão, direito de reunião).

A historicidade nasce exatamente da história, parte de fatos e momentos que geram a necessidade de normas e se vão com o tempo, sendo assim, ela molda ao decorrer da história.

O mais importante para esta obra é a relatividade, pois ela deixa esclarecido que nenhum direito é absoluto, apenas sua relatividade é absoluta, já que muitas vezes o direito entra em atrito, quando diferentes direitos fundamentais são colocados à prova, como no caso da legítima defesa, sobre a qual será discorrido abaixo.

Os direitos fundamentais são universais, portanto, abrangem todos sem discriminação, inclusive estrangeiros; o Brasil oferece essa universalidade de direitos com legitimidade da sua palavra, mesmo que um estrangeiro esteja ilegal no país ele será contemplado pelos direitos fundamentais. Essa universalidade é sintetizada no “caput”, do art. 5º, da Constituição Federal:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Por fim, para poder-se distinguir o que será discutido, é preciso entender o que é o direito à vida e porque ele pode afetar o direito fundamental de outro se ameaçado.

### **3.2. DO DIREITO À VIDA**

Para se compreender o direito à vida, deve-se, inicialmente, entender que ele é um norteador, afinal, é necessário estar vivo para poder se expressar, ir e vir.

O que marca o primeiro ponto importante a se refletir é que, em 1948, quando foi ratificada a Declaração Universal de Direitos Humanos, o que se desejava era extinguir a banalidade com que se tirava a vida, buscando segurança à sociedade, tendo como ápice, quanto isso, a segunda Guerra Mundial e seu chocante resultado



em quantidade de vidas perdidas pelo conflito, algo que gerou a necessidade de um acordo entre vários países, buscando evitar que isso ocorra novamente.

Uma das principais disposições constitucionais é: “todos são iguais perante a lei”, frase que em resumo garante a todos os cidadãos que estarão protegidos pelo que a lei garante, também terão que seguir os dispositivos que proíbem condutas, cujo descumprimento terá a devida sanção por ela prevista.

Contudo, o direito à vida é primordial para que se possa deslumbrar o que virá a seguir, uma vez que, muitas vezes a legítima defesa está voltada à proteção deste direito aqui apresentado, o que, na necessidade da defesa, pode vir a ocasionar a morte do agressor.

O direito à vida é um ponto de grande estudo na doutrina constitucional brasileira. Este tema no decorrer da evolução da sociedade a rigidez para que se colocassem mais garantias sobre a temática, tem grande foco nos direitos fundamentais, com vários autores se dedicando a ele. Portanto, como foi apresentado anteriormente o direito à vida é considerado um dos direitos fundamentais.

Ainda que pareçam naturais, os direitos fundamentais não eram positivados nas Constituições, sendo que foi ao longo da história da humanidade que ocorreu essa positivação, em decorrência de muita luta e esforços dos povos, inclusive, na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 a vida foi reconhecida como supremacia dos direitos.

Os direitos humanos consistem em direitos naturais garantidos a todos os indivíduos, independentemente de sua etnia, gênero, nacionalidade, classe social e até mesmo posicionamento político. Eles estão determinados no ordenamento jurídico, bem como em tratados internacionais e Constituições.

Quando se trata desse assunto, qual seja os direitos fundamentais e sua evolução histórica é dado destaque a uma perspectiva histórica, reconhecida como gerações ou dimensões; estas dimensões são conhecidas por períodos que marcaram a evolução dos direitos fundamentais.

No que se compreende como direitos de primeira dimensão, estão diretamente associados ao final do século XVIII. Neste período, ocorreu a Revoluções Americana e Francesa, tendo como entendimento que a Revolução Francesa foi o marco histórico da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão; os direitos de primeira geração estão relacionados à luta pela liberdade e segurança

diante do Estado, o que consiste em acabar com o abuso de poder do Estado em relação a população, assim deixando o Estado obrigado a respeitar a liberdade, a vida, bem como os direitos civis e políticos (ANTUNES, 2015).

As diversas mudanças sociais e intelectuais levam aos direitos de segunda geração, não obstante, os direitos fundamentais de segunda dimensão são os direitos sociais, ligados ao valor e igualdade, entendidos como os direitos de grupos sociais menos favorecidos, e que impõem ao Estado uma obrigação de garantir direitos positivos, como saúde, educação, moradia, segurança pública, direitos de titularidade coletiva e com caráter positivo, pois exigem atuações do Estado. Portanto, o Estado começou a prover e tratar todos, de forma igual e justa, com o objetivo de que toda a sociedade viva de forma digna e justa (BEHLING, 2019).

Já os direitos fundamentais de terceira geração estão ligados ao valor de fraternidade e solidariedade, sendo relacionados ao desenvolvimento da sociedade no que se refere ao meio ambiente e as necessidades a serem atendidas, bem como, à autodeterminação dos povos e patrimônio comum da humanidade. Em suma, vale ressaltar que esta geração é caracterizada por direitos transindividuais, que não pertencem a ninguém isoladamente, e sim a várias pessoas (BEHLING, 2019).

### **3.3. DO DIREITO À RELIGIÃO**

As liberdades de religião ou crença, consciência, expressão e acadêmica são direitos fundamentais garantidos por compromissos internacionais e leis nacionais, inclusive na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, onde, nos artigos demonstrados abaixo, estabelece:

Artigo 1º - Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Artigo 18º - Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em

comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.

#### 4. A MODERNIDADE E A RELIGIÃO

A modernidade tem aberto espaço para novas questões e problemáticas relacionadas à religiosidade, pois, atualmente, no século XXI, vive-se um momento de profunda pluralidade religiosa, com o surgimento de novas religiões, a reatualização de religiões tradicionais, além de outros processos como hibridismos e misturas que têm levado à inclusão no campo religioso da necessidade de se contemplar questões que antes não existiam (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Tal fato já foi explicado por Berger (1985, p. 162) que:

[...] a crise de credibilidade que acompanha a situação pluralista afeta igualmente a religião: 'A situação pluralista, ao acabar com o monopólio religioso, faz com que fique cada vez mais difícil manter ou construir novamente estruturas de plausibilidade viáveis para a religião. As estruturas de plausibilidade perdem solidez porque não podem mais apresentar a sociedade como um todo para servir ao propósito da confirmação social. Em termos simples, sempre há 'todos os outros' que se recusam a confirmar o mundo religioso em questão. Torna-se cada vez mais difícil para os 'habitantes' de um dado religioso permanecer entre nós na sociedade contemporânea'.

E o principal exemplo destas novas abordagens, é a inclusão, no seio religioso, de questões relativas à ordem política, conflitos sociais, além de questões de âmbito pessoal, como os papéis de gênero, sexualidade e outros traços que definem a personalidade e contribuem para a formação de uma identidade religiosa. Um exemplo destas mudanças está na discussão existente hoje no meio religioso quanto à aceitação ou não de determinados comportamentos sexuais:

Como denota Giddens (2002), Hervieu-Léger (2008):

[...] mas, ao destacar essa oposição, provavelmente se toca com o dedo o traço mais fundamental da Modernidade, que é aquele que marca a cisão com o mundo da tradição: a afirmação segundo a qual o homem é legislador de sua própria vida, capaz igualmente, em cooperação com outros no centro do corpo cidadão que com ele forma, de determinar as orientações que pretende dar ao mundo que o rodeia (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 32-33).

No que concerne à heterossexualidade, esta é vista como padrão dominante e acaba por excluir o convívio com outras formas de comportamento sexual. A homossexualidade acaba sendo encarada por muitas religiões como “desviante”, “fora do padrão” ou “proibida segundo as leis de Deus”, e pessoas homossexuais são excluídas do convívio religioso; ou então há tentativas de se alterar sua sexualidade a partir de práticas e tratamentos conhecidos no senso comum sob o

nome de “cura gay”. Tudo isso afeta a identidade religiosa destes sujeitos, que se veem tolhidos de exercerem sua sexualidade por um padrão religioso imposto, o que pode gerar angústia e insatisfação. Por outro lado, no âmbito do pluralismo religioso existente começam a surgir religiões que buscam compreender as questões de gênero e sexualidade de uma forma distinta. Novas igrejas, novos templos e novas formas de se relacionar com a crença, que buscam rediscutir os papéis atribuídos ao feminino e às sexualidades desviantes em seu seio, e que promovem um novo debate teológico de revisão das escrituras sagradas e novas formas interpretativas.

Desta forma, ainda sobre a modernidade:

A oposição entre as contradições do presente e o horizonte do cumprimento do futuro cria, no coração da Modernidade, um espaço de expectativas no qual se desenvolvem, conforme o caso, novas formas de religiosidade que permitem superar essa tensão: novas representações do sagrado, ou novas apropriações das tradições das religiões históricas (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 40).

Distante de certos pontos de vistas presentes nas religiões tradicionais, que partem de uma interpretação literal do texto sagrado, estas novas religiosidades buscam a sua reinterpretação, visando estabelecer novas relações com os papéis de gênero e a sexualidade (RIBEIRO et al, 2012, p.55).

Da mesma forma em relação à liberdade religiosa, a livre orientação sexual e a identidade de gênero colocam-se na pauta política e social como uma questão de direitos humanos e constitucionais. O que se tem visto, no entanto, é um aparente conflito colocado entre essas duas questões, especialmente quando se considera o princípio da laicidade do Estado (MUSSKOPF, 2013, p. 166).

Percebe-se que este movimento como uma tentativa de determinados segmentos de oferecerem aos seus fiéis um novo serviço religioso, atraindo um público originalmente rechaçado do cristianismo tradicional. Ao mesmo tempo, tais denominações enfrentam dificuldades para se consolidar e acabam muitas vezes sucumbindo diante da forte concorrência com outras estruturas religiosas.

As igrejas cristãs inclusivas são um fenômeno típico da chamada “modernidade tardia”, e das características que a acompanham: o pluralismo e a formação de um mercado religioso, que colocaram em cheque os modos “tradicionais” de se viverem as religiões.

É fato que a diversidade sempre foi um assunto muito comentado no mundo, inclusive, nos anos 1990, se falava, por exemplo, da homossexualidade nas igrejas:

Na década de 1990, o pastor Nehemias Marien aceitava homossexuais em sua Igreja Presbiteriana Bethesda, em Copacabana. Depois ele acabou

sendo expulso da congregação, sua igreja fechou anos depois e só nos anos 2000, uma movimentação que trouxe a ICM para o Brasil deu início à abertura de igrejas inclusivas. Só de dez anos para cá que elas aumentaram significativamente em número. Hoje, há várias delas (NATIVIDADE, 2016, s/p.).

Fato este que também ocorreu em décadas anteriores:

Em 1977 iniciamos a Igreja da Irmandade Tunker, na cidade de Rio Verde (Goiás). Esta igreja era ligada a uma matriz que tem sede nos Estados Unidos. Eu comecei a Igreja da Irmandade Tunker, por minha conta em 1977, sem pedir a permissão deles, porque sabia que eles não tinham interesse em uma missão aqui no Brasil. Depois de funcionar por um longo tempo, eu fui atrás de buscar a aceitação e o reconhecimento deles (PEREIRA, 2020, s/p).

Mas, para comprovar os objetivos aqui propostos, se torna necessário falar sobre as igrejas inclusivas do presente. Para tanto, confirma-se algumas informações, como por exemplo, as palavras de Ferreira (2016, p. 53):

[...] a igreja inclusiva encerra embates dentro de seu próprio 'campo' religioso inclusivo para poder tornar-se firme entre os seus – como discordâncias de comportamento, tensões, conflitos, dissidências que vão formando outras pequenas comunidades, dispersas. Ao que podemos inferir, desfazem qualquer forma de se fortalecerem no campo religioso, como igreja inclusiva em busca de se estabelecerem neste campo religioso, assim, observamos até o presente momento.

#### **4.1. MÉTODOS PARA ALCANÇAR A INCLUSÃO**

Para alcançar as novas gerações e a inclusão, faz-se necessário obedecer a algumas regras do Lar Adventista, discriminadas no livro de White (1992). E a mais importante delas contém “consultai a Deus e a vossos pais tementes a Deus, jovens amigos. Orai sobre o assunto”. Kinnaman (2014) também menciona como atrair os jovens para as igrejas e os mantê-los neste tipo de ensinamento:

Seja honesto. Confesse suas falhas. Aumente suas expectativas. Pregue um evangelho melhor. Discípulos artesanais. Recupere a imaginação. Reconheça talentos. Convide para participar. Assuma riscos. Centre-se em Jesus.

#### **4.2. A EDUCAÇÃO CRISTÃ**

Os jovens necessitam de um entendimento profundo sobre como a educação cristã funciona e como isto pode auxiliá-los mediante suas escolhas e crenças.

Knight (2017) discorre sobre o real objetivo da educação cristã:

O serviço aos outros era a excelência da vida de Cristo e é, portanto, o ideal máximo da educação adventista. Em harmonia com a Bíblia, a educação adventista desenvolverá cristãos que posso se relacionar bem com as pessoas no mundo. No entanto, é ainda mais importante que as escolas adventistas eduquem os alunos para a cidadania no Reino do céus.

E quando o autor menciona a educação cristã, aborda a conversão:

A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento do pecador, é o batismo sem disciplina eclesiástica, é a comunhão sem confissão de pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, é a graça sem cruz, é a graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado. A graça preciosa é o tesouro oculto no campo, pelo qual o ser humano vende feliz tudo que possui; é a pérola preciosa, pela qual o mercador oferece todos os seus bens; é o domínio do reino de Cristo, pelo qual o ser humano arranca o olho que o faz tropeçar; é o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo deixa suas redes para trás e o segue.

Quando se trata de conversão de pessoas, se faz necessário entender a graça, algo que é de difícil compreensão. Portanto, há momentos de mostrar a graça de Deus e momentos de mostrar o juízo. Para conquista das novas gerações, discute-se a necessidade de “seguir os métodos de Cristo” e criar umas amizades íntimas, conforme White (2012):

Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava compaixão por eles, ministrava-lhes às necessidades e conquistava-lhes a confiança. Ordenava então: “Segue-me” (Jo 21:19). É necessário se colocar em íntimo contato com o povo mediante esforço pessoal. Se se empregasse menos tempo a pregar sermões, e mais fosse dedicado a serviço pessoal, maiores seriam os resultados que se veriam. Os pobres devem ser socorridos, cuidados os doentes, os aflitos e os que sofreram perdas confortados, instruídos os que não conhecem e os inexperientes aconselhados. Devemos chorar com os que choram, e nos alegrar com os que se alegram. Aliada ao poder de persuasão, ao poder da oração e ao poder do amor de Deus, esta obra jamais ficará sem frutos.

### **4.3. A APOSTASIA**

A apostasia engloba o afastamento de alguma fé ou doutrina e White (2003) discorre sobre o tema descrevendo que um dos fatores dela é o esquecimento da igreja pelo jovem que dela saiu, pois após a sua saída, dificilmente ele recebe uma visita:

Nosso Salvador ia de casa em casa, curando os enfermos, confortando os tristes, consolando os aflitos, e dirigindo palavras de paz aos abatidos. Ele tomava as criancinhas nos braços, e as abençoava e dirigia palavras de esperança e conforto às mães cansadas. Com infatigável ternura e suavidade se aproximava de todas as formas de infortúnio e aflição humana.

Neste contexto cabe citar uma reportagem de Carranço (2022) onde é confirmado que a quantidade de jovens 'sem religião' supera a de católicos e evangélicos em São Paulo e Rio de Janeiro. Em uma das entrevistas, uma jovem cita:

Eu não tenho religião, sempre fui totalmente pura a isso. Eu acredito em tudo, primeiramente em Jesus, o único Deus todo poderoso. Também acredito em entidades, que me ajudaram muito e sempre que puderem vão me ajudar... Acredito em energias, no universo...

Esta foi uma entre diversas entrevistas que denotam o fato de os jovens, mesmo que suas famílias possuam religiões determinadas, terem opinião forte quanto à fé e crença religiosa. O que se vê nos últimos anos, inclusive, são famílias que não mais iniciam seus filhos em determinadas religiões acreditando que é melhor que a criança se torne um adulto que determine sua própria escolha.

Em dados práticos, Carranço (2002) exhibe dados retirados do CENSO e do DATAFOLHA:

No Censo de 2010, os sem religião eram 8% da população brasileira, ou mais de 15 milhões de pessoas. Esse percentual vem crescendo década após década: os sem religião eram 0,5% da população brasileira em 1960, 1,6% em 1980, 4,8% em 1991 e 7,3% em 2000.

Vale ressaltar, que devido à pandemia, não há dados tão atualizados sobre o assunto. Abaixo, os gráficos que denotam algumas informações importantes ligadas à religião:



Figura 01:

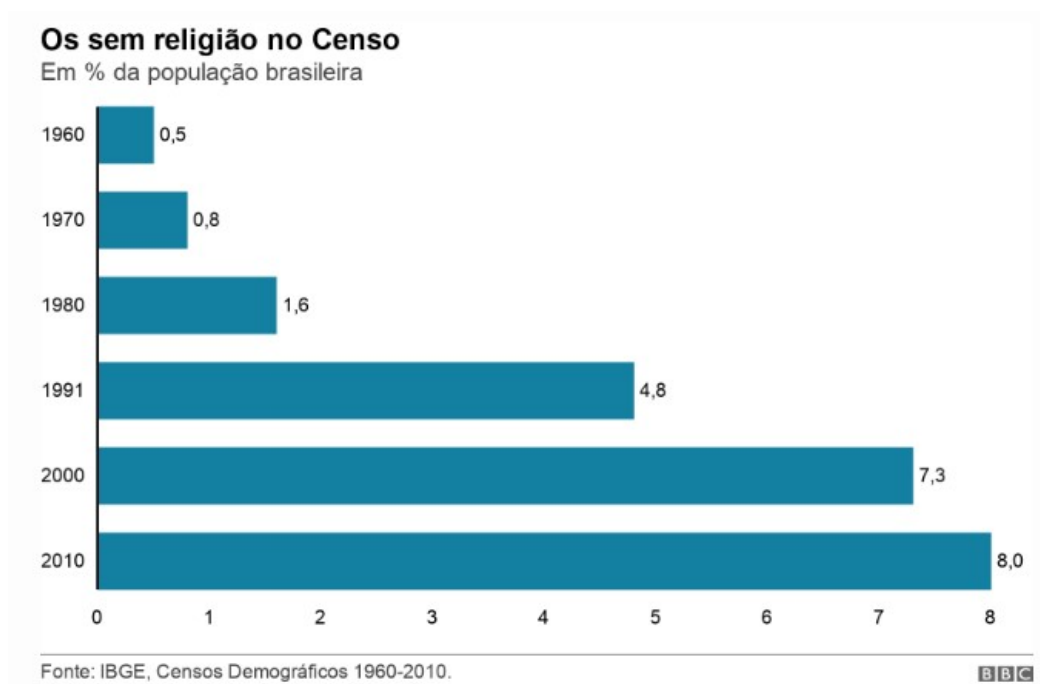
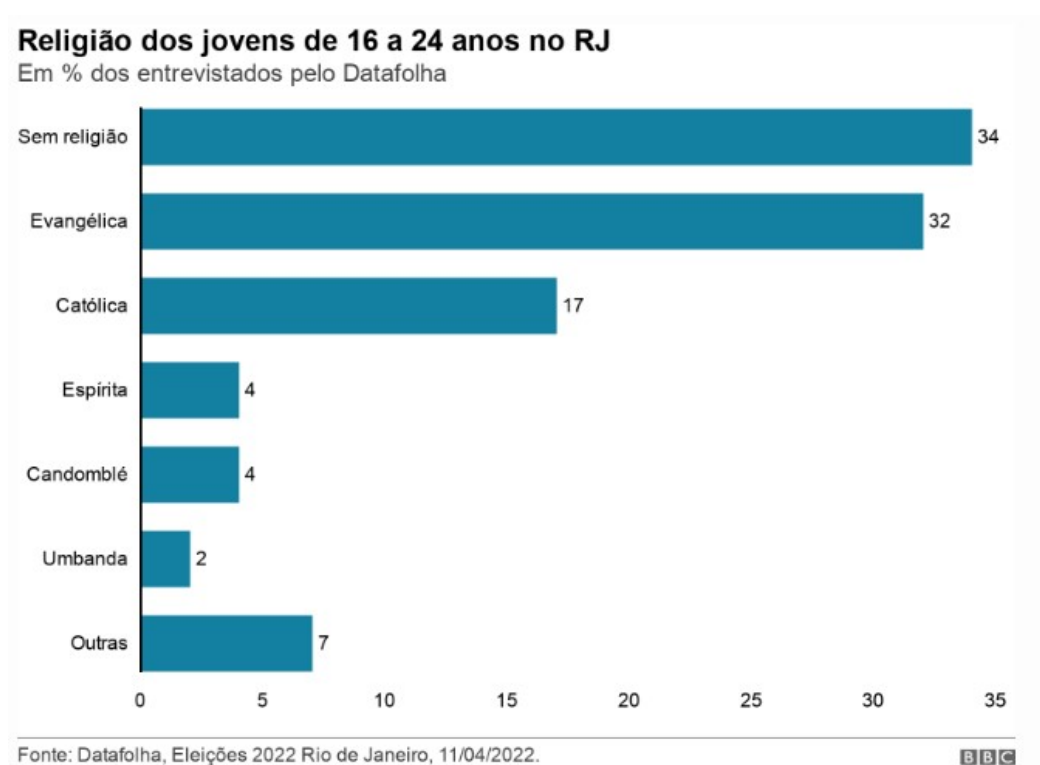


Figura 02:



Os gráficos acima demonstram os dados antes mencionados, reiterando que a religião não é mais imputada aos filhos e as famílias possuem uma grande mistura de crenças, sendo que o respeito à diversidade se torna mais importante do que as imposições antes vistas.

Nesta direção, Paulo Gracino Junior (2016, p. 47) afirma:

(...) realizamos uma série de consultas aos técnicos do IBGE, que foram responsáveis pelo treinamento e pela tabulação das respostas, no intuito de esclarecer tal categoria [evangélica não determinada]. Segundo o que apuramos, embora fosse explícita no protocolo de pesquisas do IBGE a orientação de se evitar o registro de expressões genéricas, o que ocorreu na prática foi que os recenseadores foram instruídos para não reformularem a pergunta “Qual a sua religião ou culto?”. Ou seja, embora pudessem repetir a pergunta, não poderiam acrescentar nenhuma questão complementar do tipo: “Qual a igreja?” ou “Qual a denominação?”. O recenseador deveria acolher literalmente a resposta pelos recenseadores. Portanto, se esses dissessem: “Sou evangélico(a), mas não tenho denominação alguma”, deveria registrar essa resposta.

E, no manual do recenseador, quanto ao correto exercício de suas funções, também é dito algo relacionado:

O registro deve identificar a seita, culto ou ramo da religião professada como, por exemplo: Católica Apostólica Romana, Católica Apostólica Brasileira, Luterana Pentecostal, Batista, Assembleia de Deus, Universal do Reino de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Adventista do Sétimo Dia, Kardecista, Xintoísmo, Testemunhas de Jeová, Candomblé, Umbanda, Budismo, Israelita, Maometana (ou Islamita), Esotérica, etc. Não registre expressões genéricas como Católica, Protestante, Espírita, Crente, Evangélica, etc. (...) Não faça deduções a partir da declaração da pessoa que estiver prestando as informações. Registre a religião declarada por cada morador do domicílio (IBGE, 2010, p. 195)

Um ponto de necessária citação neste trabalho diz respeito ao chamado “desingrejado”, ou seja, grupos que se desinstitucionalizaram como resultado “do individualismo e da busca de autonomia diante das instituições que defendem valores extemporâneos e exigem elevados custos de seus filiados” (GOIS e SCHWARTSMAN, 2011):

(...) só fala desingrejado quem acha que alguém tem que estar na igreja institucional. Essa palavra desingrejado talvez tenha sido um eufemismo para desviado. Quando começou esse movimento, os que saíam das igrejas para irem ao movimento eram tidos como desviados, que se desviaram da fé, abandonaram a igreja de Cristo – leia-se deixaram de se reunir com a igreja local –. Só que o tempo foi passando e eles começaram a perceber que não eram desviados, porque eles continuaram amando a Jesus, fiéis, bons para as pessoas, vivendo o evangelho, só que não estavam na igreja. Então “desviados” já não cola mais. É o meu caso, eu fui tido como desviado. De repente eu tive gente virando a cara para mim, e não foram poucos, muita gente dizia que eu era um “desviado”. Antes eu era convidado para orar nas reuniões, e a partir daí eu já não era mais convidado para orar, porque

afinal de contas eu já era um “desviado”, então minha oração não valia mais. Só que o tempo foi passando e eu deixei de ser “desviado”, porque eles viram que na verdade eu não tinha desviado. Então como me definiram? “Desigrejado”. É o “desigrejados” que precisa ser igreja. Então isso é só mais uma tolice evangélica. Não, nós não nos consideramos desigrejados, muito pelo ao contrário, nós estamos muito bem igrejos, no que se refere a igreja de Cristo. O desigrejado é só na cabeça deles

Neste intuito de mencionar a apostasia, faz-se necessário citar uma importante reportagem do jornal G1 (globo.com) que menciona o fato de jovens “sem religião” serem em quantidade maior que a dos jovens católicos e evangélicos nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

A reportagem inicia-se com a fala de uma jovem de 21 anos: "Eu não tenho religião, sempre fui totalmente pura a isso. Eu acredito em tudo, primeiramente em Jesus, o único Deus todo poderoso." Aqui, entende-se que não há mais necessidade da definição de uma crença ou religião, mas que pode-se entender que há um ser superior. Sem nomear o que está fé significa, como demonstrado nos resultados acima citados.

Tal reportagem denota um novo fenômeno para o convívio social, a perda de força da nomeação das religiões. Para tanto, foram acionados os dados do Censo e do Datafolha:

No Censo de 2010, os sem religião eram 8% da população brasileira, ou mais de 15 milhões de pessoas. Esse percentual vem crescendo década após década: os sem religião eram 0,5% da população brasileira em 1960, 1,6% em 1980, 4,8% em 1991 e 7,3% em 2000.

Com o adiamento do Censo populacional de 2020 para este ano, devido à pandemia, ainda não é possível saber de forma definitiva o que aconteceu com a religiosidade brasileira na última década.

Mas as pesquisas eleitorais, cujas amostras são construídas com objetivo de refletir a realidade da população brasileira, dão pistas importantes neste sentido.

As primeiras pesquisas Datafolha de 2022, por exemplo, mostram que, em nível nacional, 49% dos entrevistados se dizem católicos, 26% evangélicos e 14% sem religião — já acima dos 8% sem religião identificados no último Censo.

Entre os jovens de 16 a 24, o percentual dos sem religião chega a 25% em âmbito nacional.

Sendo assim, é possível compreender que há diferença entre as pessoas que se julgam “sem religião” e os ateus e agnósticos (os ateus são pessoas que não acreditam na existência de Deus, já os agnósticos avaliam que não é possível afirmar com certeza se Deus existe ou não).

Há explicações para tal aumento dos sem religião, principalmente no que concerne aos jovens mencionados crescerem em famílias plurirreligiosas, ou seja,

não há obrigação de seguir uma religião de família, possibilitando a própria busca por sua religiosidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda a exposição acima descrita, fica clara e evidente, conforme pensam as lideranças religiosas a necessidade de manter os jovens mais próximos da igreja e de suas crenças, pois “o mundo traz diversas formas pecaminosas de afastá-los”.

As novas gerações não possuem a mesma gana pela fé, os aprendizados e ensinamentos religiosos. A igreja dificilmente torna-se uma prioridade na vida destes. Com isto, cabe aos pastores responsáveis reunirem-se com a comunidade e decidirem por métodos que tragam os jovens para a igreja e quem sabe um caminho de liderança dentro delas.

Há diversos trechos e ensinamentos que poderão ser utilizados para que o devido entendimento chegue até as gerações mencionadas neste trabalho. São gerações com princípios e pontos de vista diferenciados, mas que ainda possuem exemplos em casa sobre o quão importante é ter fé e manter-se com sua crença. “O futuro está nestas próximas gerações e há necessidade de esculpi-las da melhor e mais responsável forma.”

Uma das formas mais comentadas sobre como trazer os jovens para as igrejas, determina a escolha de projetos e encontros onde estes possam ser ouvidos e que haja um senso de coletividade para o acolhimento de todos, onde suas vozes sejam ouvidas e suas opiniões valorizadas.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Malcolm. Salvação e Serviço - O Desafio do Ministério Jovem. São Paulo, SP: Sobre Tudo, 2014.

BARBOSA, Aurélio de Melo. Diversidade sexual e Igreja Anglicana. Pastoral da Diversidade Sexual, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Paróquia São Felipe, Goiânia, Goiás, fevereiro de 2011. Disponível em: <http://pdsgoiania.blogspot.com/2011/02/diversidade-sexual-e-igreja-anglicana.html>. Acesso em: 2 dez. 2022

BERGER, Peter L. O dossel sagrado - elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L. Os Múltiplos Altares da Modernidade. Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 2017. BRASH, Alan A. Encarando nossas diferenças: as igrejas e seus membros homossexuais. São Leopoldo- RS: Editora Sinodal, 1998.

CALLIARI, Marcos; MOTTA, Alfredo. Código y: decifrando uma geração que está mudando o país. São Paulo, SP: Évora, 2012.

CARRANÇA, Thais. Jovens 'sem religião' superam católicos e evangélicos em SP e Rio. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257>. Acesso em 14 dez. 2022

FEITOSA, Alexandre. Uma Breve História das Igrejas Inclusivas no Brasil. BrasíliaDF: Editora Oasis, 2018.

FERREIRA, Miriam Laboissiere de Carvalho. Homossexualidade e a igreja inclusiva no Estado de Goiás: Igreja Caminho da Inclusão – um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Goiânia: PUC/GO, 2016.

GANE, Barry. O Caminho de Volta: Como Reconquistar os Jovens que Abandonaram a Igreja. Tatui, SP. Casa Publicadora Brasileira, 2013.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 2002. GUIAME. Após votação, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil decide permitir casamento gay. Guiame.com.br, 03 jun. 2018. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/apos-votacao-igreja-episcopal-anglicanado-brasil-decide-permitir-casamento-gay.html>. Acesso em: 2 dez. 2022

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 2002.

GOIS, Antônio; SCHWARTSMAN, Hélio. Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 fev. 2011.

GONÇALVES, Kleber B. Igreja Relevante: Missão Urbana para a Pós – Modernidade. Engenheiro Coelho, SP. Unaspres – Imprensa Universitária Adventista, 2017.

GRACINO JUNIOR, Paulo. A demanda por deuses: globalização, fluxos religiosos e culturas locais nos dois lados do Atlântico. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

HERVIEU-LÈGER, Daniele. O Peregrino e o Convertido: religião em movimento. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. ICM RIO. Nossa História. Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro (ICM RIO), s/d. Disponível em: <http://www.icmrio.com/a-igreja/nossa-historia/>. Acesso em: 12 dez. 2022

IBGE, Censo 2010. Manual do Recenseador CD-1.09. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IEAB. História da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil primeiros passos do anglicanismo no brasil. Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), s/d. Disponível em: <https://www.ieab.org.br/sobre/>. Acesso em: 2 dez. 2022

KIMBALL, Dan. Eles gostam de Jesus, Mas Não da Igreja. São Paulo, SP: Vida, 2011.

KNIGHT, R. George. Educando para Eternidade - Uma Filosofia Adventista de Educação. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

KINNAMAN, David. Geração Perdida: Por que os Jovens estão Abandonando a Igreja e Repensando a Fé. Londrina, PR. Universidade da Família, 2014.

KINNAMAN, David; LYONS, Gabe. Descrentes: o que a Nova Geração Realmente Pensa sobre o Cristianismo e por que isso é importante. Londrina, PR. Universidade da Família, 2012.

MUSSKOPF, André S. Uma brecha no armário: Propostas para uma Teologia Gay. São Leopoldo: EST, 2002.

MUSSKOPF, André S. A relação entre diversidade religiosa e diversidade sexual: um desafio para os direitos humanos e o Estado laico. Estudos de Religião, v. 27, n. 1 • 157- 176 • jan.-jun. 2013.

NASCIMENTO, Edson Santana do. Entrevista concedida a Fagner Alves Moreira Brandão. Aparecida de Goiânia-GO, 04 de julho de 2020.

NATIVIDADE, Marcelo. Igrejas Inclusivas Nascem da intenção de repensar a tradição religiosa. El País Brasil, 03 jul. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936\\_254948.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936_254948.html). Acesso em: 12 dez. 2022

PEREIRA, Onaldo Alves. Entrevista concedida a Fagner Alves Moreira Brandão. Rio Verde-GO, 10 de julho de 2020.

REIS, Douglas. Geração Y: Adventismo, Pós-Modernidade e Gerações Emergentes. Ivatuba, PR. Instituto Adventista Paranaense, 2013.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (org.) et al. O Sedutor Futuro da Teologia. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. SOUSA, Marvel de. Entrevista concedida a Fagner Alves Moreira Brandão. TaguatingaDF, 02 de julho de 2020a.

SOUZA, Mônica Ferreira de. Entrevista concedida a Fagner Alves Moreira Brandão. Goiânia-GO, 01 de julho de 2020b.

TONETTI, Márcio. Relevante para as Novas Gerações. Disponível em: <http://www.revistaadventista.com.br/blog/2015/11/04/relevante-para-as-novas-geracoes/> Acesso em 20 nov. 2022

WHITE, G. Ellen. Educação - Um Modelo de Ensino Integral. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.